

## **ARTEFATOS E INDUMENTÁRIAS: Patrimônio cultural e material dos povos Timbira e Guajajara como fortalecimento da identidade cultural**

Autor(a): Cleydimara Felix da Silva  
Orientadora(o): Ilma Maria de Oliveira Silva

### **RESUMO**

No presente relatório apresenta-se os resultados do projeto de extensão, cujo objetivo foi registrar os significados da cultura material e imaterial, por meio dos artefatos e indumentárias a partir das narrativas dos povos originários, em particular o povo Krikati e Guajajara. Os materiais selecionados foram: esteirão, colar de apito do povo Krikati. E do povo Guajajara foram: cocar do rapaz, saiota de palha e banco de madeira. Desenvolveu-se a metodologia da História Oral para a escuta das narrativas sobre os significados e sentidos sociais dados aos artefatos e indumentarias utilizados pelos povos indígenas. Desta maneira, os resultados obtidos foram de grande relevância e contribuição para Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, em especial para o Museu CPAHT (Centro de pesquisa em Arqueologia e História Timbira). A Coleta de dados ocorreu a partir do deslocamento para as aldeias São José na cidade de Montes Altos e a aldeia Novo Funil em Amarante Maranhão. As histórias dos artefatos e indumentárias foram narradas por duas mulheres indígenas, sendo uma do povo Guajajara e outra do povo Krikati. Utilizou-se a entrevista estruturada para coleta de dados com os seguintes eixos: quem faz, qual ocasião são utilizadas, qual o tipo de material usado para a confecção dos mesmos e qual o significado dos materiais para cada povo. Dessa forma, as narrativas sobre os materiais supracitados pertencentes ao CPAHT, são de grande importância, para que se possa conhecer, valorizar e socializar informações sobre os artefatos e indumentárias, contribuirão, também, para as escolas de Educação Básica, já que uma das atividades do Museu é receber este público e socializar as histórias dos povos originários a partir dos artefatos e indumentárias nas visitas guiadas. Inclusive, as narrativas foram transcritas e analisadas pelos sujeitos da pesquisa e foram entregues ao CPAHT para fazerem parte do acervo etnológico escrito.

**Palavras-chave:** Cultura, Povos originários, Tradição.

### **INTRODUÇÃO**

O projeto intitulado de “Patrimônio cultural material dos povos indígenas: significando os artefatos e indumentarias a partir das narrativas dos indígenas”, objetivou registrar a cultura material simbolizada nos artefatos e indumentárias doados para o Centro de Pesquisa em Arqueologia e História Timbira – CPAHT. Nesse sentido, a partir das memórias do povo Krikati e Guajajara, foi possível descrever a história de alguns

artefatos e indumentárias. Durante a execução do projeto, buscou-se aprofundar os estudos sobre a metodologia da História Oral, pois consideramos adequada para atender os objetivos do projeto.

Dessa forma, foi possível perceber a importância da metodologia da pesquisa com os objetivos propostos, especialmente quando se trata de ouvir os povos indígenas. Assim, para registrar a cultura simbolizada nos artefatos e indumentárias realizamos entrevista em duas aldeias, sendo: aldeia São Jose do povo Krikati e a aldeia Novo Funil do povo Guajajara. Durante as visitas ouvimos anciãs sobre as histórias dos artefatos e indumentárias.

Chantal de Tourtier (2006, p.234), diz que para se utilizar da metodologia oral faz-se necessário ter um tempo de ambientação e criar vínculos com os interlocutores. Para o autor “é indispensável criar uma relação de confiança entre o informante e entrevistador”. Para os povos indígenas a palavra tem um poder misterioso, pois exprimem sentimentos, emoções e verdades, e, que o dizer está relacionado ao fazer. Assim, os estudos sobre memória, representações e história oral, foram de grande relevância para a execução do projeto. Os estudos foram realizados concomitantemente com a execução do projeto nas atividades propostas no plano de trabalho.

A metodologia da história oral utilizada, surgiu como uma necessidade de valorizar e fortalecer o protagonismo dos povos indígenas. Sabe-se que os povos originários, em geral, desde a colonização, não tiveram seus saberes valorizados e por muito tempo foram silenciados “mas não calados”, como cita Oliveira e Farias quando falam da importância dos relatos orais e do cuidado que devemos ter ao “examiná-lo para podermos apreender seus muitos significados” (2019, p. 49).

Os estudos sobre memória, representações e história oral, foram de grande relevância para a execução do projeto. Assim, foram alguns encontros com as indígenas, Silvia Krikati e Lucine Guajajara, visando descrever os artefatos e indumentárias (Patrimônio Material) expostos no Museu CPAHT, os trabalhos voltados para a observação, tiveram como objetivo reunir discursos acerca dos povos indígenas segundo as narrativas dos alunos e professores durante as visitas guiadas no CPAHT, além de identificar como o indígena é invisibilizado nas práticas pedagógicas dos professores e averiguar as manifestações dos alunos da educação básica e do ensino superior sobre as contribuições dos povos indígenas na formação do povo brasileiro.

Nesta perspectiva, o CPAHT tem uma grande responsabilidade no que diz respeito a como nomear e entender o significado do patrimônio material exposto para a comunidade, especialmente para os alunos da educação básica. A partir das narrativas dos indígenas, os artefatos e indumentárias vão sendo desvelados para demonstrar os seus verdadeiros usos e significados, colocando-os como protagonistas de sua própria história, servindo para desconstruir os estereótipos e equívocos que foram disseminados por séculos no imaginário social, sobre os indígenas serem seres estáticos e que não encontram seu lugar no tempo presente.

## **METODOLOGIA**

A escolha da metodologia de História Oral para descrever a história dos artefatos e indumentárias dos povos Indígenas (Krikati e Guajajara), foi uma forma de conhecer os significados desses materiais que vem sendo invisibilizados pela história oficial, realizamos entrevistas semiestruturadas com as indígenas. As entrevistas ocorreram na Aldeia São José em Montes Altos e na Aldeia Novo Funil em Amarante do Maranhão, e os artefatos observado foram: o esteirão e o colar com apito, cocar, banco de madeira e uma saia de palha. Sobre artefatos e indumentárias foram observadas as histórias de como eles chegaram às aldeias indígenas, os materiais utilizados para confecção destes.

Participamos de cursos de formação continuada com a equipe de bolsistas tanto PIBEXT, PIBIC, Permanência e convidados sobre: História e Memória dos povos indígenas, os estudos vêm proporcionando reflexões importantes, especialmente durante as visitas guiadas no CPAHT, indagações dos visitantes sobre os artefatos e indumentárias e não resposta por parte dos guias, pois esses desconhecem, também o valor da imaterialidade desses materiais. Para Tourtiert-Boazze (2006, p.234) pesquisar sobre o patrimônio cultural dos povos indígenas “é uma experiência decorrente da memória de expressão oral que visa e versa sobre a livre expressão, a livre manifestação da palavra”.

Nesse sentido, por meio dos diálogos que foram estabelecidos através das entrevistas, nos proporcionou conhecer histórias e manifestações culturais que giram em torno dos artefatos. durante as visitas guiadas observamos os alunos da rede municipal e estadual que visitaram o Museu CPAHT dos quais observavam os artefatos e indumentárias e muitos equívocos surgiam de forma natural, resultado do desconhecimento das histórias dos povos indígenas. Um fato relevante em uma visita guiada com crianças de 6 e 7 anos, foi quando, questionadas sobre “quem são os povos indígenas” responderam de forma imediata que são “pessoas antigas”, “pessoas que anda nuas”.

E não só alunos dos anos iniciais, como também alunos dos anos finais do ensino fundamental e médio, quando questionados, dizem: “são pessoas que viveram no passado”, mas também um caso bem particular de uma professora ao ver o banco de madeira (dos rapazes), questionou se os indígenas, “sabem escrever”. Fato como esse nos faz refletir muito sobre os ambientes escolares e a falta de informação.

A lei 11.645 torna obrigatório o estudo sobre a história e a cultura indígena e afro brasileira no ensino fundamental e médio, porém, não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas). Partir desse diálogo “se os indígenas sabem escrever”, demonstra que os povos indígenas são considerados como pessoas do passado. Nessa perspectiva, imaginemos que os currículos escolares não contribuem para contar outra história que não seja pelo viés do colonizador. Assim, os estereótipos fortalecidos ao longo dos séculos são diversos, e, continuam presentes por meio dos discursos e currículos escolares, mesmo que os indígenas estejam presentes em todos os Estados da federação.

Os resultados do trabalho (narrativas) farão parte do acervo, cujas informações são primárias, ou seja, advindas dos povos indígenas. Na História da formação da sociedade brasileira, os povos indígenas foram intencionalmente abafados e assim, esquecidos especialmente de suas grandes contribuições na formação desta sociedade,

congelando-os como personagens no Brasil colônia. Esse trabalho, teve como propósito contribuir com o acervo do CPATH, que consequentemente contribuirá para socializar os conhecimentos com as escolas da Educação Básica de Imperatriz Maranhão.

Assim, observamos durante as falas dos estudantes que visitam o Museu a se referirem aos indígenas como pessoas que vivem em floresta, pescando e vivendo distante dos grandes centros urbanos. Quando distanciamos os indígenas da formação da sociedade brasileira atual, estamos automaticamente empobrecendo a cultura do nosso país e fortalecendo os estereótipos que são seres que não são sociais que não consegue viver em sociedade. Nesse sentido, o trabalho sistematizado teve como base, também a observação das visitas guiadas no Museu CPATH.

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Consideramos importante destacar o significado de patrimônio cultural material e imaterial. O povo Krikati, pertencente ao povo Timbira, falantes da língua do tronco linguístico Macro Jê. Já o povo Guajajara pertence ao tronco linguístico Tupi, os bens culturais materiais podem ser entendidos como tudo que é feito e produzido pelo ser humano, já os bens de natureza imaterial são denominados como todo o conjunto de práticas que sustentam a vida social de grupos étnicos.

Que podem ser percebidos através das manifestações: culturais, saberes, ofícios, celebrações, músicas e modos de vida. Sendo assim, o patrimônio cultural é transmitido de geração em geração pelas histórias orais, que quando divulgadas promovem sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para o respeito à diversidade.

A denominação Timbira, segundo Nimuendajú (1944, p.8) refere-se "aos costumes desses índios usarem ligas não só nos braços e nos pés, como também abaixo dos joelhos, na munheca, no pescoço, no peito e na testa. Timbira significa, então, os amarados". Entre esses povos existem uma grande semelhança cultural. Dentre as características que os tornam semelhantes, destacam-se a língua, os ritos, as festas, a corrida de tora e a estrutura circular das aldeias, entre outros, vivem nos cerrados, em áreas cobertas de arbustos e árvores de médio e pequeno porte (Silva, 2012).

Os Guajajara são um dos povos indígenas do Maranhão mais numerosos do Brasil. Habitam mais de 10 Terras Indígenas na margem oriental da Amazônia, todas situadas no Maranhão. Sua história de mais de 380 anos de contato foi marcada tanto por aproximações com os não indígenas como por recusas totais, submissões, revoltas e grandes tragédias. A partir deste trabalho acreditamos contribuir para ressignificação dos artefatos e indumentárias. A seguir apresentamos as narrativas das indígenas, que destaca os usos e significados dos artefatos, por meio do esteirão, colar com apito, cocar, banco de madeira, saia de palha que compõem o acervo etnológico do Museu CPAHT.

Além de guajajara, este grupo tem uma outra autodenominação mais abrangente, Tenetehára, que inclui também os Tembé. Guajajara significa "donos do cocar" e Tenetehára, "somos os seres humanos verdadeiros". Às vezes, os guajajara traduzem Tenetehára por "índio", não se conhece com certeza a origem do nome guajajara, mas provavelmente foi dado aos Tenetehára pelos Tupinambá. Tanto entre os próprios indígenas quanto na literatura científica, atualmente a denominação guajajara é mais usada do que Tenetehára.

A língua guajajara pertence à família tupi-guarani, sendo as línguas mais próximas o Asurini (do Tocantins), o Avá (Canoeiro), o Parakanã, o Suruí (do Pará), o Tapirapé e o Tembé, que lhe é muito semelhante. Os guajajara chamam sua língua de ze'egete ("a fala boa"). Ela é subdividida pelos linguistas em quatro dialetos que são mutuamente inteligíveis, sem maiores complicações. Nas aldeias, o guajajara é falado como primeira língua, enquanto o português tem a função de língua francesa, que é entendida pela maioria, a situação sociolinguística dos guajajara que moram nas cidades é desconhecida.

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>

Nessa perspectiva, é também objetivo deste trabalho, proporcionar uma visibilidade ao patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígenas Timbira e Guajajara, buscando, assim, contribuir para criar um banco de dados etnológicos, referentes os significados dos artefatos e indumentárias que estão expostos no CPAHT. Assim, acreditamos contribuir com desconstrução de estereótipos e para ressignificação de uma nova história indígena. A seguir apresentamos as narrativas das indígenas Silvia Krikati e Lucine Guajajara, que destacou os usos e significados dos artefatos, por meio do esteirão, colar com apito, cocar, banco de madeira, saia de palha que compõem o acervo etnológico do Museu CPAHT.

## CONHECENDO OS ARTEFATOS E INDUMENTÁRIAS

Foto 1- Esteirão "crowa'hu" (povo Krikati)



Fonte: museu CPAHT

O esteirão é também o que cobre que chamamos de crowa´hu, o crowa´hu quer dizer folha de buriti, não tem tradução é só crowa´hu mesmo, tem palavra que assimila, como sombrinha que é guarda-chuva, guarda-sol, que chamamos de (xipjara palavra indígena) que tem beiradinhas que parece assas de morcego, que nós chamamos de (xipjara) o tapiti, como você deve conhecer como tipiti nós chamamos de ro´teh, que quer dizer sucuri, que engoli tudo, esse aqui é crowa´hu, não tem como apertuguesar, não tem como dá outro nome e crowa´hu em outros cantos.

Tem gente que chama de máscara, eu não chamaria de máscara porque máscara que eu conheço e outra coisa, para mim máscara é máscara, mas esse que cobre o corpo inteiro, e até um casal de namorado, em uma fuga eles utilizam o crowa´hu. ele pertence ao ritual do wy´ty cateh, do gavião que eles chamam e é utilizado somente no wy`ty cateh. O ritual não acontece todos os anos, só o pessoal do crowa´hu nessa festa tem o ritual do wy´ty cateh (rop catiiji) que é partido da onça, e o crowa´hu, que é do esteirão dentro desse crowa´hu tem myyre, wajto´croo, coohquin e no rop catiiji tem rop, a´xyyh, gavião, hýc, creuure e am cuu.

Ele pertence ao ritual, somente no wy´ty cateh, que significa festa do gavião que eles chamam e utilizado esse aqui somente no wy`ty cateh. Esse ritual não acontece todos os anos quem pode participar esse ritual só o pessoal do crowa´hu, tem algum horário específico para ser usado, quando o ritual acontece, pode pegar para passear pode ir para outro lado, ir na casa do gavião, ir na casa da namorada, fazer uma dança, tem uma dança chamada de poi´poh, que eu acho lindo. Só os homens que pode usar, mas tem as meninas que entra e usa, o material é feito, somente com a folha do buriti, essa parte branca (analisando a foto) é o broto do buriti e essa parte de baixo é a folha que já soltou.

O jovem que vai usar tem uma idade específica criança não usa, somente adolescente mais ou menos 16 anos em diante, não tem pessoas específicas para fazer o artefato qualquer pessoa faria, mas hoje há pessoas específicas e para a comunidade hoje em dia tem dificuldade de realizar a festa do esteirão, quanto dura a festa do esteirão, demora inclusive para fazer porque tem que ter casa semelhante a isso somente para o gavião, para o ritual, e geralmente demora, antigamente era 2 anos porque cada crowa´hu tem seus rituais que é executado, ai eles fazem essa dança.

Da parte rop catiiji, parte do gavião também tem uns rituais que é executado esses rituais todos tem que ser um final que eles chamam de [...], você vai conhecer como tempestade, cu´cateh, é pororoca, é um teatro ao vivo é lindo, eu acho bonito, depois que o esteirão é usado no final eles rateiam tudo, eles cortam, e divide dão para as crianças, para ensaiar.

Foto 2 – Colar com apito poohéh cyr (povo Krikati)



Fonte: museu CPAHT

Esse não é colar, esse é chamado de poohéh cyr, o resto é só um enfeite, só quem usa quem é corredor, antigamente eles usavam como mensageiro. O colar significa chamado, para várias coisas, como uma sinalização de que algo tá vindo ou tá chegando, geralmente e de mensagem, mas aí tem nesse colar de apito tem uma parte que eles tocam umas músicas. Nem todos pode usar, mas sim os homens, feito de casca de cajá e quem faz são as artesãs, as pinturas corporais são feitas de pau de leite, jenipapo, ele e usado no dia a dia como se fosse um filho cuidando dele para não perder ou estragar. desde a reclusão que se usa.

Foto 3 – saia de palha (povo Guajajara)



Fonte: museu CPAHT

A saia é chamada de saiota é usada para se enfeitar para ficar bonita na festa que não pode ir nua demais e assim se usa a saia, e utilizada na festa da menina moça e às vezes se usa na festa do rapaz, eu acho mais bonito a mulher se enfeitar o homem também usa, só que é mais usada pela mulher, essa saiota de palha, ela é feita da fibra de buriti, o

ritual só ocorre uma vez no ano, no tempo de sol quente no verão que acontecem essas festas tanto da menina moça quanto do rapaz, então as mulheres e as moças todas podem usar quando começar a festa, iniciando umas 04:00 horas da tarde, e vai até entre 6:30 as 07:00 da manhã.

Ela é feita da fibra de buriti, do olho novo, aquela palha mais nova que a gente corta do buriti, então a gente abre e deixa um pouco no sol para murchar, estica um cordão e vai botando a palha na saia, qualquer um pode fazer a saia não tem ninguém específico, toda festa tem que se pintar se enfeitar para ficar bonito, todas festas que tem nas aldeias (vizinhas) ou na nossa temos que enfeitar com colares de miçangas, de tiririca, cocar, pinturas e as saias.

Foto 4 – Cocar do rapaz (povo Guajajara)



Fonte: museu CPAHT

Toda festa tem que ter cocar festa de rapaz, esse cocar o rapaz usa no dia da festa que é para poder cobrir o rosto, o rapaz não pode ficar olhando para o povo ele tem que ficar assim o tempo todo (gesticulou com a cabeça baixada), essa parte aqui é para cobrir (a frente do cocar) assim mostra a beleza do artesanato desse cocar, mostrar quanto ele vale para nossa festa nosso povo que ele tem um valor, aí o rapaz usa para cobrir o rosto, essa parte aqui (a metade superior do cocar) fica para cima, essa parte aqui (a metade inferior) fica no rosto dele, essa parte aqui (que são as pontas do cocar) ela fica atrás para amarrar para poder segurar.

Eles não são feitos só verde (penas de papagaio), e feitos com penas de pássaros: papagaio, pena de azapú que é aquele que os karaiú (não indígena) chama de xexeú, ele é feito de fio de algodão e penas. Ele é usado só nas festas do rapaz, quando se quer usar em outras festas pode usar, mas não é tampado, e depois que se termina as festas se guarda, depois pode emprestar para o parente, para o filho dele e até aluga (risos), mas no dia do ritual só o rapaz pode usar ele já fica pintado e se pinta de urucum e jenipapo, mas, se usa mais o urucum.

A hora de iniciar o ritual, é entre 14:00 às 16:00 horas que ficam os cantores no lugar da festa e os rapazes vão se enfeitar e se pintar, para depois ir para a festa (local do ritual), quanto mais bem feito e colorido fica mais bonito ele é, se usa mais a cor amarelo nos enfeites, mas nos pode usar outras penas como arara, papagaio, xexéu, pena de corruipião e de bem-te-vi, às vezes se mistura as penas para ficar bonito, nessa parte os nossos parentes gosta muito de colorido, o índio e especialista nas pinturas nas cores, sabe fazer as pinturas sabe pintar e muito difícil ter um indígena para não saber.

Nessas pinturas assim eles sabem fazer as formas geométricas, tudo com facilidade, são especiais nisso, a idade de fazer é com 12 até 15 anos, quando você tem um filho, um neto e você dizer que vai fazer a festa dele, você tem que fazer, que ele vai ser o dono da festa já fica esperando, não pode deixar de fazer não, tem que fazer por tudo, que se marcar, se disser que vai fazer, tem que fazer porque existe o dono dessa festa ela não surgiu assim do nada, essas festas tem um dono. E não é todo mundo que sabe fazer esse cocar, aqui mesmo nos coloca a nossa cunhada para fazer, nos arruma todo material, as penas, os fios, a linha, tudo entrega e ela vai fazer e depois nus entrega pronto.

Na pintura nossos ancestrais falam que e igual o corpo do bandeira (animal tamanduá bandeira) a maneira da pintura, é pinta os pés e as mãos, ali é para livra de doença, e também porque ele e o rapaz da festa e a pintura dele tem que ser diferente, é da mulher não e igual do rapaz pois cada um tem sua pintura diferente, depois que termina o ritual as mães ou as avós ou tia, passa no rapaz para não ter dor de cabeça e não ficar com o cabelo branco ligeiro passa massa de beiju, e queima um pouco de algodão passa nos pés do rapaz para andar ser livre, comer o que quiser e a cobra não andar atras dele.

Foto 5 – banco de madeira (povo Guajajara)



Fontes: museu CPAHT.

E usado na hora da festa, usado para o rapaz sentar o par dele (a menina que o acompanha no ritual) não senta com ele, o par dele fica junto aqui do lado direito dele, que é para ele não cansar ele pode sentar as esteiras aqui para ele colocar os pés em cima para não pegar quentura do chão, para não pegar doença também por isso que ele tem que

sentar, esse desenho aqui só pode ser de passarinho, não pode botar a caça (onça, tatu, caititu), só pode ser passarinho, só pode desenhar uma ave, não pode desenhar um animal (onça, tatu, caititu), o banco ele senta para não ter dor nas pernas e a esteira e para não pegar doença nas pernas não entrar doenças nos pés, cada vez que muda a esteira o banco tem que ir junto atrás.

Para ele se descansar, usado na festa dos rapaz, quando o banco e feito tem que ser escondido para ninguém não ver, enrolado no pano colocado no saco, para ele não estragar tem que estar bonito e enfeitado do jeito das pinturas feito nos rapaz e usado, só para festa outra pessoa não pode sentar nesse banco, antes do rapaz sentar, porque já faz mal, ele tem que ser surpresa na hora da festa cada um quer fazer um mais bonito que o outro, às vezes quando se manda fazer um banco às vezes se traz até de noite para ninguém não ver (risos).

Porque cada um quer ter um mais bonito, aqui não é todo mundo que sabe fazer o banco, tem as pessoas que sabe fazer a pessoa que faz tem que pintar ele, o que sabe desenhar melhor desenha tanto homem quanto mulher para deixar o banco bonito, a madeira que se usa tem que ser leve, maneiro que não pode fazer de madeira pesada porque se tira de um lugar para o outro e às vezes e feito em outro lugar assim tem que ser leve no caso cedro ou outra madeira leve, e claro para poder ver as pinturas e depois do ritual todo mundo pode usar ele pode sentar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O projeto de extensão “Memória e patrimônio cultural dos povos timbira: significando os artefatos e indumentárias pelo discurso dos indígenas”, teve como objetivo registrar os sentidos e significados de alguns artefatos e indumentárias dos povos Krikati e Guajajara, pelos próprios indígenas. Outro ponto importante é a contribuição com o acervo etnológico do Centro de pesquisa em Arqueologia e História Timbira-CPATH. Dessa forma, os sentidos sociais e significados ganham bem mais importância, pois as narrativas dos próprios indígenas e não do pesquisador, autoriza a escrita deste trabalho por quem usa esses materiais em rituais diários.

É relevante destacar que o projeto impacta diretamente na ressignificação dos artefatos e indumentárias exposta no CPAHT, pois se torna documento que por sua vez servirá de material para formação continuada dos estagiários. Assim, as narrativas fortalecem a cultura e identidades dos povos Krikati e Guajajara. Para tanto, nesta pesquisa destacamos os nomes dos artefatos e indumentárias na língua materna indígena, o que valoriza o patrimônio cultural desse povo enquanto seres históricos de cultura dinâmica e viva.

Além de identificar como o indígena é invisibilizado nas práticas pedagógicas dos professores e averiguar as manifestações dos alunos da educação básica e do ensino superior sobre as contribuições dos povos indígenas na formação do povo brasileiro. Nesta perspectiva, o CPAHT tem uma grande responsabilidade no que diz respeito a como nomear e entender o significado do patrimônio material exposto para a comunidade, especialmente para os alunos da educação básica. A partir das narrativas dos indígenas,

os artefatos e indumentárias vão sendo desvelados para demonstrar seu uso e significados, servindo para desconstruir os estereótipos e equívocos que foram disseminados por séculos no imaginário social.

Este trabalho teve como objetivo registrar a cultura material simbolizada nos materiais doados para CPAHT, a partir das memórias de representantes dos povos Krikati e Guajajara. Com encontros nas comunidades para o momento das entrevistas, socialização e relação do entrevistado e entrevistador, diante dessa realidade, é de fundamental importância à continuidade do trabalho, bem como permanecer com bolsistas para concluir a descrição dos artefatos, haja vista a quantidade de materiais para serem catalogados numa perspectiva de narrativas dos povos Timbira e Guajajara.

Após as transcrições das gravações foi necessário fazer uma cuidadosa leitura para apresentação deste trabalho final. Além da elaboração das fichas catalográficas de cada artefato e indumentária que teve a narrativa recolhida durante a vigência do projeto de extensão, constituindo desta maneira o registro de cada peça, ou seja, a documentação do acervo etnológico escrito e posto em tabelas com fotos e a descrição minuciosa dos bens culturais Timbira e Guajajara.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo registrar a cultura material simbolizada nos materiais doados para CPAHT, a partir das memórias de representantes dos povos Krikati e Guajajara. Com encontros nas comunidades para o momento das entrevistas, socialização e relação do entrevistado e entrevistador, diante dessa realidade, é de fundamental importância à continuidade do trabalho, bem como permanecer com bolsistas para concluir a descrição dos artefatos, haja vista a quantidade de materiais para serem catalogados numa perspectiva de narrativas dos povos Timbira e Guajajara.

Para realização deste projeto recebi o apoio da UEMASUL na forma de bolsa de incentivo, assessoria da coordenação do CPAHT na pessoa da coordenadora Danielly Morais Rocha Marques e Aline de Sousa Silva Guajajara que ajudou na familiarização com o campo pesquisa fornecendo materiais teóricos para realização dos estudos prévios e também o incentivo para a visita as aldeias. Também contei com o apoio da diretoria do PIBEX que nos orientou e esclareceu as minhas dúvidas durante as reuniões e demandas do cronograma da bolsa.

E por fim a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Ilma Maria de Oliveira Silva, pois além da orientação me proporcionou formação para a realização da execução das atividades do projeto, além da assistência emocional, pois os grupos de estudo faram um amparo, tanto teórico como alento para compartilharmos as experiências com o fazer e o se tornar pesquisador.

## **REFERÊNCIAS**

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (og) **Usos e abusos da história oral.**  
– 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.** Diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e indígena. Brasília, DF: Senado, 2008.

BONAZZI, Chantal de Tourtier. et al. **Uso e abuso da história oral:** Arquivos: propostas metodológicas. Pg 234, Ed 8°. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

Disponível online: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Timbiras Orientais.** Belém: Mimeo, 1944. (Exemplar único em português, inédito).

SILVA, Ilma Maria de Oliveira. **Os cursos de magistério indígena do Estado do Maranhão e as implicações na formação dos professores Krikati numa perspectiva específica e diferenciada.** Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para o título de Mestre. São Luis, 2012.